



Título: Trayectos (fragmento), de Héctor Miguel Guerrero Aburto

Ruminações e existência: Uma leitura do conto “O buraco”, de Luiz Vilela

Yvonélio Nery Ferreira
Universidade Federal do Acre - Brasil

Resumo

Luiz Vilela é um dos mais emblemáticos escritores de ficção da literatura brasileira contemporânea, com escrita madura e representativa dos problemas humanos. Sua obra, aparentemente simples, abarca temas cotidianos que, de início, nada têm de elevados, fazendo o leitor desavisado incorrer no erro de pensar a narrativa apenas enquanto texto que reflete situações quase sempre comezinhas, por vezes, no limiar da banalidade, mas que, a partir de uma leitura atenta, revela personagens imersos em introspecções amargas e impositoras de forte sensação de angústia em face do mundo. Neste artigo, realizamos uma análise do conto “O buraco”, da coletânea *Tremor de terra*, no fito de identificar marcas e influências do existencialismo sartreano na relação entre os personagens e em seus comportamentos.

Palavras-chave

Luiz Vilela, literatura brasileira, existencialismo sartreano.



Título: 4 (fragmento), de Héctor Miguel Guerrero Aburto

Rumiaciones y existencia: Una lectura del cuento “O buraco”, de Luiz Vilela

Resumen

Luiz Vilela es uno de los escritores de ficción más emblemáticos de la literatura brasileña contemporánea, con una escritura madura y representativa de los problemas humanos. Su trabajo —aparentemente simple— abarca temas cotidianos que, al principio, no tienen nada elevado, lo que hace que el lector desprevenido cometa el error de pensar la narrativa únicamente como un texto que refleja situaciones que casi siempre son pequeñas, a veces en el umbral de la banalidad, pero que, en una lectura cuidadosa, revela personajes inmersos en visiones amargas e imponentes de una fuerte angustia ante el mundo. En este artículo, llevamos a cabo un análisis del cuento “O buraco”, de la colección *Tremor de terra*, para identificar marcas e influencias del existencialismo sartreano en la relación entre los personajes y sus comportamientos.

Palabras clave

Luiz Vilela, literatura brasileña, existencialismo sartreano.

Onde quer que estejas, cave profundamente!
Em baixo está a fonte!
Deixe os homens sombrios a gritar:
“Em baixo é sempre o inferno!”
Friedrich Nietzsche

Apontamentos iniciais

Questionamentos sobre a existência sempre incorreram em preocupações inerentes ao homem de diversas épocas da História. Inúmeros filósofos foram antecessores às preocupações expostas por Jean-Paul Sartre no século XX em suas teorias sobre a existência do Ser. Apenas a título elucidativo, convém citar um dos mais conhecidos aforismos Socráticos — “Conhece-te a ti mesmo” — como exemplo da necessidade do homem de compreender a existência e a si.

Pensando em questionamentos acerca do humano em si e questões existencialistas, o escritor brasileiro Luiz Vilela, pode ser observado como alguém que concentra em sua obra uma tendência ligada a alguns conceitos do existencialismo sartriano. Dentre eles, a existência anterior à essência, a liberdade de escolha inerente a cada indivíduo, o Ser-Em-Si e o Ser-Para-Si e a relação entre o Eu e o Outro.

Tais aspectos advindos da visão existencialista sartriana apontam uma perspectiva teórica para a tessitura das análises feitas a partir de observações das personagens e das relações estabelecidas entre elas e o Outro. Como consequência disso, as temáticas apresentadas por Vilela podem colocá-lo na vertente existencialista de escritores brasileiros, por questionar as tensões e angústias do sujeito moderno, como será possível observar, a seguir, com a leitura proposta do conto “O buraco”, da coletânea *Tremor de terra*.

A metamorfose de Zé

O abismo existencial e a falta de comunicação são, indubitavelmente, características marcantes do conto “O buraco”, da obra *Tremor de terra*. Nessa narrativa, observa-se a figura do narrador-protagonista, Zé, refletindo sobre os acontecimentos de sua vida. Os questionamentos referem-se, inicialmente, à infância, quando tinha três anos de idade e se vê cavando um buraco — metáfora fundamental a ser analisada — no quintal da casa onde morava.



Muitas são as possibilidades de se pensar o buraco. Inicialmente, ele pode ser visto como uma grande metáfora do indivíduo que hesita entre buscar a verdade, por meio do autoconhecimento, enfrentando todas as dificuldades que a ele se apresentam ou permanecer inerte, vivendo a superficialidade do dia-a-dia. Zé é um indivíduo que vivencia esse conflito: ou busca, em definitivo, o caminho que leva ao buraco, no conto visto como a possibilidade de encontrar algo que dará sentido à sua vida, ou permanece em um mundo absurdo, sem sentido, o que o levaria, como consequência, a experimentar a angústia do cotidiano.

O buraco também pode ser visto como metáfora de uma abertura para o desconhecido, convergindo para o outro lado (o além da relação objetiva com o mundo concreto) e ainda apresentando como possibilidade o acesso a uma realidade oculta (o além da relação com o mundo das aparências). Seria uma alegoria da busca do trânsito e do transpasse da realidade na qual Zé se encontra inserido e que lhe provoca tanto desconforto. Essa última realidade seria mais plausível, uma vez que o desejo de atingir um estado de consciência que lhe permita ver o mundo de forma suportável é manifestado, por ele, durante suas reflexões.

Ao considerar o buraco como uma passagem de um estado a outro, é preciso questionar o que se pode encontrar em seu interior —esse é o grande mistério que circunda a busca do autoconhecimento. Mas entre a possibilidade de desvendar os mistérios do buraco, arcando com as angústias e sofrimentos inerentes a esse caminho, e permanecer no estado de total alienação, Zé opta pela primeira, que, em última instância, significa escolher o buraco.

Parafraseando Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2002: 144), pode-se inferir o buraco como um elemento simbólico cujas potencialidades surgem como conjecturas: o que preencheria o buraco ou o que passaria por sua abertura? Poderia o buraco ter outros significados além daqueles normalmente atribuídos a ele pelo senso comum ou, simplesmente o vazio o define? Nele, ainda, poderiam estar contidos, por exemplo, inúmeros sentimentos reveladores de estados psicológicos marcadamente responsáveis por desvelar as características de um sujeito a partir de sua narrativa de vida.

Em outra perspectiva, o buraco pode estar ligado aos símbolos da fertilidade no plano biológico, e da espiritualização, no plano psicológico. Em uma alusão ao campo biológico, o buraco poderia ser visto como um elemento responsável por apontar um novo ser, mesmo que transfigurado em sua aparência, como se pode observar na figura de Zé. Aliado ao símbolo do nascimento, estaria o teor psicológico, que apresenta a natureza interna do sujeito, reveladora de diversos contatos com seus semelhantes, e, como já se sabe, marcada pelas influências advindas do processo dialógico.

A partir das várias possibilidades de interpretação da carga simbólica que permeia os recursos utilizados na elaboração do conto, como a figura do buraco que alude à própria existência do narrador protagonista, além de sugerir uma necessidade de sentido para a vida, essa metáfora será fundamental para o entendimento do motivo que faz do buraco um lugar seguro e de total isolamento do narrador-protagonista.

Zé dá início à sua narrativa apresentando a sua ligação com o buraco desde os seus três anos de idade. Identifica-se, na apresentação desse relato, certa confusão, pois o narrador-protagonista não consegue precisar nem o momento nem o motivo do surgimento do buraco que, numa primeira instância, pode estar relacionado a uma forma de diversão, de passatempo e, em seguida, faz alusão a reflexões filosóficas. A vida passa a ser vista pelo seu aspecto mais denso, mais complexo, à medida que é encarada como um fluxo incessante sem princípio nem fim:

Não sei como nem quando começou o buraco. A lembrança mais antiga que eu tenho de mim coincide com a mais antiga que eu tenho dele: eu cavando-o com os dedos. Mas então ele já existia, e não sei se era eu quem o havia começado ou outra pessoa. Ou, talvez, ele tivesse ali por simples acidente da natureza. De qualquer modo, me é impossível saber como foi antes dessa lembrança, nem adiantaria perguntar às pessoas mais velhas que eu, que estiveram ao meu lado nesse tempo: como eles iriam lembrar-se disso? (Vilela, 2003: 19).

Mesmo sabendo que todos os seres e coisas, independente de ter consciência ou não, possuem uma proveniência, observa-se, no trecho acima, certa inquietação do narrador-protagonista,



pelo desconhecimento da origem do buraco, considerando que, de modo intuitivo, entre ele e o surgimento do buraco, havia uma profunda relação. É como se a busca de entendimento de si e do mundo estivesse marcada por inquietações advindas da necessidade de encontrar um sentido para a própria vida.

A noção de proveniência é considerada um dos elementos mais instigantes para os existencialistas que admitem a existência como precedente à essência, pois é aquela a responsável pela tomada de consciência desta. Essa percepção é algo que vai sendo pouco a pouco urdido, pois são vários os fatores que contribuem para que o indivíduo, gradativamente, alcance um estágio de consciência de si mesmo e de suas possibilidades de ação no mundo.

O buraco que já existia antes da tomada de consciência de Zé, vai-se construindo como elemento representativo da ruptura progressiva que se estabelece nas suas relações com o mundo. Na memória do protagonista há, desde a infância, uma recusa em aceitar a participação do outro em sua vida. Portanto, desde cedo, a identidade de Zé se constrói, tendo como medida, a exclusão do outro e de como esse outro, ao observar tais características em Zé, também o excluí.

Zé, em seus relatos, vai desvelando uma identidade perturbada e perturbadora, além de negar, a quase todo instante, uma relação interpessoal, mais profunda com as pessoas que ele convivia. Nas atitudes de Zé, ainda se encontram representados o sentimento de angústia que é próprio dos seres humanos ou do homem contemporâneo diante de um mundo caótico, fragmentado, no qual o indivíduo perde a sua condição de sujeito das ações que em torno de si se desenvolvem.

Na tentativa de isolar-se do convívio com seus semelhantes, o narrador-protagonista, mesmo não conhecendo a origem do buraco, coloca em dúvida o motivo de seu aparecimento, chegando a indagar acerca da responsabilidade de seu(s) criadore(s): "... e não sei se era eu quem o havia começado ou outra pessoa" (Vilela, 2003: 19). Ao vislumbrar a possibilidade de o buraco ter sido cavado por outro indivíduo, observa-se, pela fala de Zé, uma mescla decorrente de uma relação dialógica entre o eu e o outro.

Não há, por parte de Zé, uma consciência clara desse processo de alteridade, pois sua mente encontra-se transtornada, imersa em um estado de alienação que o impossibilita compreender os acontecimentos que o envolvem. Apesar de todos os transtornos, ele sabe que o buraco é algo que lhe pertence com exclusividade e, por isso mesmo, não admite a interferência do(s) outro(s).

A alteridade pode ocorrer entre o eu e o(s) outro(s) eu(s) externo(s) ao sujeito ou entre o eu e os outro(s) eu(s) interno(s) do indivíduo. Tal concepção é decorrente da constatação de não existir uma personalidade única, do mesmo modo que não há, no atual estágio da humanidade, um eu absoluto, indivisível, haja vista toda consciência ser permeada por vários eus. Portanto, como consequência dessa condição do eu enquanto outro ou outros, não se pode falar em um monólogo, como uma voz única, considerando a existência de outras vozes. Nesse sentido, é perfeitamente razoável pensar o processo comunicativo como um interminável diálogo, configurado como um recurso imprescindível para a constituição daquilo que Paul Ricoeur (1991) chama de identidade narrativa, a partir da qual se conhece a história de vida do sujeito, marcada pela influência de outra pessoa. Sendo assim, há uma necessidade de se aceitar o eu como parte constitutiva e constituída por um outro ser, não havendo possibilidade de desvinculação dos outros eus em decorrência da composição narrativa intrínseca no campo ideológico do eu.

Observar esse mecanismo dialógico é fundamental para a compreensão de características psicológicas e ideológicas que marcam os sujeitos da narrativa. Influenciados por alguns fatores, principalmente o contato com seus semelhantes, o indivíduo pode buscar, ilusoriamente, ao invés do diálogo, um monólogo, responsável por isolá-lo do contato direto com outras pessoas.

Em "O buraco", o recurso da alteridade ocorre quando Zé conversa com ele mesmo na busca de uma compreensão para si e para o mundo. Seu primeiro impulso é fugir da realidade, no intuito de voltar-se para dentro de si, tentando assimilar algo capaz de explicar a sua condição de ser existente. Esse caminho impõe certas regras e limitações, além de tornar-se, a partir de determinado ponto, irreversível. Sendo assim, a busca do autoconhecimento, na atual condição humana, apresenta verdades incompletas, considerando

**Interpretextos**

24/Otoño de 2020, pp. 29-47

que advêm de iluminações registradas na consciência do indivíduo e que não são facilmente apagadas, como observadas na citação abaixo:

Nessa época eu ainda não havia entrado nele, ficava apenas cavando-o; mas já pensava nele como algo que pertencesse só a mim e a mais ninguém, e como algo secreto. Embora ele ficasse ali, no quintal, à vista de todo mundo, e as pessoas passassem ao seu lado e mesmo sobre ele, não deixava de ser secreto (Vilela, 2003: 19).

Ver o buraco como algo seu não exclui a influência de outras pessoas em sua constituição psicológica, muito pelo contrário, em alguns momentos reforça tal presença. A mãe de Zé representa um exemplo de como os posicionamentos de outrem são determinantes na composição do quadro psicológico que se vai instaurando na mente do narrador-protagonista. Há, em alguns momentos, certa ambiguidade em seus posicionamentos, por um lado, seu assentimento, para com as atitudes do filho —enquanto cavasse o buraco no quintal da casa, ele estaria ali, de certo modo, sempre por perto. Por outro lado, quando incentiva Zé a brincar com outras crianças, tem-se uma recusa ou negação do ato de cavar do filho:

Às vezes Mamãe me via cavando-o e dizia: “Meu filho, deixa esse brinquedo, vai brincar na rua com os outros meninos.” Mas, às vezes também, ela me via e não falava nada, não se importava, e de certo modo até parecia achar bom: “Assim ele não vai para longe”, dizia. Dizia, ainda, para os outros: “Ele gosta de brincar sozinho” (Vilela, 2003:19 e 20).

O comportamento da mãe exerce forte influência nas atitudes de Zé, sendo determinante, também, para a formação de sua identidade, revelando, nos posicionamentos assumidos pelo narrador-protagonista, um turbilhão de conflitos existenciais. Com isso, a dúvida acerca de qual atitude assumir persiste ao longo de toda a narrativa, tanto no que tange ao seu comportamento, quanto aos questionamentos acerca de sua existência.

Em algumas recordações da infância, Zé demonstra a necessidade de estar junto das outras crianças, brincar e fazer as mesmas coisas que elas. Em outros momentos, ele se apresenta incomoda-

do em sua relação com o outro, chegando ao ponto de se negar ao convívio com o outro e volta, novamente, a cavar o buraco. Mas, ao mesmo tempo em que se observa o mecanismo de isolamento e o retorno à ação de cavar, instaura-se um estado de angústia insuportável, desencadeado pelo conflito que se manifesta por meio da vontade de conviver com as outras pessoas:

Eu gostava também de brincar com os outros meninos na rua: brincava de pique, de bomba, de esconder, de bola, de soltar papagaio, de corrida, de a biloca, de tudo. Mas às vezes eu deixava tudo isso e ia mexer com o buraco. Achava bom ficar ali sozinho, longe de todo mundo. Até que chegava um ponto em que também me cansava do buraco, sentia-me triste, e tinha vontade de voltar para as pessoas, conversar, falar, ouvir (Vilela, 2003: 20).

A passagem anterior apresenta a confusão do narrador-protagonista quanto ao posicionamento que deveria assumir. Ele sente o desejo de interagir com o outro, mas considera essa atitude difícil e angustiante. Portanto, tem-se, ao mesmo tempo, a imprescindibilidade de uma convivência com o outro e a necessidade da sua exclusão, haja vista o medo dos efeitos que essa relação provoca em Zé. Nessa perspectiva, vários são os fatos demarcadores do conflito entre o eu e o outro; a mãe, por exemplo, único vínculo familiar apresentado por Zé, pode ser vista como um elemento desencadeador da alienação que o acompanha, representando, ainda, o duplo papel de protetora e opressora, ao preferir que Zé fique no quintal cavando o buraco e, em outras ocasiões, que se integre ao grupo de crianças da vizinhança.

Quando se reflete sobre o papel da mãe no ambiente da família —uma instituição social que, muitas vezes, faz de seus membros meros reprodutores de desejos e perspectivas futuras— percebe-se que a figura da mãe é significativa, por encerrar em si a contradição de, ao mesmo tempo, proteger e oprimir. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2002), a mãe é a metáfora:

[...] da segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação; é também, em contrapartida, o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia: a genitora



devorando o futuro genitor, a generosidade transformando-se em captadora e castradora. (Chevalier e Gheerbrant, 2002: 850).

Zé sempre foi orientado não por sua própria consciência, mas por escolhas feitas pelo outro. A analogia entre consciência e alienação deve ser vista de acordo com o modo de construção da narrativa. Tem-se em “O buraco” duas perspectivas que se desenrolam concomitantemente, mas de forma distinta: o tempo presente —momento da enunciação— e o relato —correspondente ao enunciado.

Durante a enunciação, verifica-se o narrador-protagonista distanciado de vários acontecimentos do passado, o que lhe proporciona uma visão mais clara dos fatos ocorridos. Nesse relato, Zé, já consciente e aceitando sua aparência de tatu¹, dá-se conta dos vários acontecimentos responsáveis por levá-lo àquele estado de tristeza e introspecção.

O momento da enunciação deve ser visto como um Acontecimento² —na perspectiva de Deleuze (1998)— responsável por descortinar outros momentos obscuros da vida de Zé. O presente no qual se encontra inserido pode ser visto como um momento de tomada de consciência, algo que —segundo a visão existencialista de Sartre (2003)— não ocorre como uma iluminação súbita e divina, mas como um processo gradativo, cujo único responsável é o próprio indivíduo.

Mesmo possuindo a sua liberdade de escolha, deve-se lembrar que o indivíduo, por estar em sociedade, depende das circunstâncias a ele impostas, o que interfere em suas ações. Além disso, são muitos os aspectos determinantes e alheios à vontade dos indivíduo —família, data e local de nascimento, dentre outros—, po-

¹ Esse desdobramento do recurso de zoomorfização é representativo, pois Zé se transfigura em um animal que se protege, a todo momento, dentro de seu casco duro. Além de ter a carapaça dura, ele se enfia no buraco, como uma necessidade de proteção extrema. O tatu é um mamífero nativo do continente americano, de pequeno porte, encorpado, com uma carapaça dura e unhas grandes que o ajudam a escavar o solo.

² Esse termo representa um momento em que ocorre um fato importante para a mudança da personagem, pois faz com que ela descortine o véu da alienação e atue com mais consciência. Ou seja, o Acontecimento é um instante de iluminação da personagem, importante para a sua tomada de consciência.

rém, eles são fundamentais para as possíveis escolhas, bem como para as experiências pelas quais irá passar.

Zé apenas tem consciência de si no instante da enunciação, pois o relato é uma forma de rever os fatos e inseri-los em seu mundo circundante. O que é retomado —o enunciado— é o momento da memória, dos acontecimentos passados, conservando informações que podem ser representativas quanto ao entendimento dos estados psicológicos do narrador-personagem. É um relato capaz de abarcar manifestações conscientes e inconscientes de afetividade, desejo, inibição, censura, tristeza, angústia, dentre tantos outros sentimentos. Portanto, o enunciado de Zé abrange todos a ele relacionados, levando-o a estabelecer características psicológicas interligadas à recordação de muitos acontecimentos.

Em uma linha cronológica Zé vai descrevendo a evolução do contato com o buraco: “Fui crescendo, e o buraco, que eu cavava com certa regularidade, também” (Vilela, 2003: 20). A partir desse momento, o buraco não representa apenas um brinquedo, mas o próprio vazio existencial de uma vida sem sentido, guiada pela visão e interesses de outras pessoas. Mesmo assim, e por causa de seu estado de alienação, ele continuava cavando, sem saber por que o fazia, mas vendo nesse ato algo necessário e somente seu:

De qualquer modo, uma coisa era certa: aquele buraco existia e era meu, inseparavelmente meu, tão meu que era como se ele estivesse não ali, fora, mas dentro de mim. Eu podia ignorá-lo, que ele estaria ali, continuaria ali como estava (Vilela, 2003: 20).

No momento desse relato, Zé aponta o buraco como algo intrínseco a si, pois, mesmo tentando desvencilhar-se, reconhece que seria impossível. Estar entre diversas pessoas foi uma das várias tentativas para esquecer o buraco, estratégia que não lhe rendeu bons resultados, pois ao voltar para casa e ficar sozinho, lá estava o buraco a incomodá-lo, “como uma serpente se erguendo no escuro” (Vilela, 2003: 21).

Uma das possibilidades inferidas, ao comparar o buraco a uma serpente, é aquela a que se pode atribuir ao narrador-protagonista características de um ser que se encontra em um estado psico-

**Interpretextos**

24/Otoño de 2020, pp. 29-47

lógico perturbado, envolto na obscuridade e nos mistérios criados. Observa-se, ainda, uma inversão da figura do buraco, pois ele cresce para cima, diferente do que seria o comum, para baixo.

Torna-se, portanto, impossível controlar a presença do buraco na vida de Zé, e, em virtude dessa impossibilidade, ele chega a pensar na morte. Todavia, o estado de confusão mental o impede de tomar decisões ou de levar adiante qualquer projeto, mesmo que seja o da sua própria morte. Em continuação, observa-se a alternância dos estados emocionais do protagonista, no que diz respeito a conforto e desconforto perante a vida. Em alguns momentos, Zé sente-se bem ao invocar a figura do buraco, agora, com uma convicção que o faz anular a presença das outras pessoas.

Tem-se nesse isolamento a representação de um desejo de fugir da realidade, mesmo reconhecendo a impossibilidade de viver em sociedade sem sofrer influências do meio. No entanto, há, também, o “trânsito” e o “transpasse”, à medida que a atitude de isolamento, de Zé, entre idas e vindas ao buraco, implica, em contrapartida, um desejo de convivência com o outro. Quando a reclusão ao buraco lhe tornava a existência insuportável, Zé mostrava o buraco às outras pessoas, num pedido inconsciente para que alguém pusesse fim às suas angústias. Na verdade, essa atitude pode ser interpretada como um grito de socorro ou, em outras palavras, um pedido de ajuda.

Novamente instaura-se o conflito em que Zé, mesmo buscando ajuda, não vê, no auxílio do outro, elementos capazes de solucionar os problemas que o afligiam. Mais uma vez, verifica-se em seu estado de alienado, certo consentimento, pois a ajuda do outro implicaria refletir acerca da própria condição a qual se encontrava. São flagrantes, nas atitudes de Zé, comportamentos semelhantes aos de personagens famosos de Sartre e Camus, dentre outros escritores e críticos fundadores do existencialismo sartriano. Como exemplo, pode-se citar Garcin —personagem principal do drama *Entre quatro paredes*, de Sartre (1977)— e Mersault, de *O estrangeiro*, de Camus (2010).

A atitude de fugir de suas responsabilidades e escolhas faz Zé aprofundar-se cada vez mais em seu estado de confusão mental, levando-o, definitivamente, a entrar pela primeira vez no buraco. Em um primeiro momento, o contato com o interior do buraco causa-

-lhe pânico, mas como aquele lugar simboliza um refúgio do mundo, Zé, aos poucos, passa a se sentir bem em meio à escuridão e ao isolamento.

Tendo em vista que a tomada de consciência decorre de uma decisão única, solitária, compreende-se o grau de dificuldade de quem opta pelo caminho do autoconhecimento. Nota-se, que no decorrer da narrativa, o buraco faz parte do isolamento necessário para que Zé consiga voltar-se para si, pois estar pela primeira vez dentro do buraco é fundamental para compreender o rumo que tomariam suas atitudes a partir dali. Apesar de tê-lo cavado antes, somente naquela ocasião ele se dá conta do quanto aquele ambiente poderia ajudá-lo a se afastar das outras pessoas. O contato direto com a terra era o sinal de que agora aquele objetivo se realizaria.

Por mais assustador que possa parecer, o buraco, metaforicamente, aponta o caminho de uma possível “salvação”, entendida pelos existencialistas, de acordo com Perdigão (1995) como a tomada de consciência, que não é súbita, tampouco ocorre em um passe de mágica. A consciência se constrói em face das experiências aptas a viabilizar ao homem a “sutilização” dos canais de percepção, de sensibilidade e de inteligência superior. Sendo assim, de acordo com as reflexões existencialistas, o homem é o seu próprio Deus e o seu próprio criador, mesmo quando admitido como um ser em circunstância.

Ao abordar outro aspecto representativo do conto, observa-se que a terra pode ser considerada um elemento, simbolicamente, repleto de ambigüidades, representando, por um lado, um aspecto passivo e obscuro, haja vista existirem nela densidade, fixação e condensação suficientes para acolher um indivíduo que busca não ser incomodado —os mortos e, no caso de Zé, o enterrado vivo. Por outro lado, a terra-mãe, é, também, o elemento que propicia, aos seres, o seu nascimento e, em consequência, apresenta-lhes o palco dos futuros conflitos.

Nesse sentido, o ato de cavar indica a busca de mudança do estado de consciência do narrador-protagonista, por isso infere-se à essa ação a necessidade de tomar consciência de si e do mundo circundante. Esse propósito fará o narrador-protagonista considerar o buraco como seu *habitat*, inicialmente de aspecto estranho, mas, aos poucos, atrativo e condizente com seus objetivos: afastar-se do



contato humano. Foi isso o que Zé experimentou pela primeira vez quando uma pessoa o chamou, procurando-o no quintal e ele permaneceu quieto no buraco, estratégia que deu certo, o que o levou a agir assim quando não queria falar com alguém.

Por mais que se sentisse bem dentro do buraco, Zé percebeu a necessidade de continuar cavando-o mais, pois “o silêncio era muito frágil, e qualquer barulho mais forte lá fora vinha trincá-lo” (Vilela, 2003: 23). Além disso, as pessoas já haviam descoberto sua estratégia e chegavam à beira do buraco pedindo para ele sair. Outras começaram a compará-lo a um tatu, fazendo-o pensar na possibilidade de tornar tal comparação uma realidade:

Tatu, pensei; e se eu virasse mesmo um tatu? Aquelas pessoas me deixariam em paz no meu buraco, não viriam molestar-me. Eu não precisaria mais procurá-las, nem elas sentiriam a minha falta —quem iria sentir falta de um tatu? Aquela hora eu desejei de fato ser um tatu; mas nem de longe estava pensando nas coisas que viriam a acontecer. Pensei apenas que devia ser bom viver sozinho no escuro e no silêncio, longe das pessoas (Vilela, 2003: 23).

A representação do tatu pode ser vista como uma analogia àquele que busca o isolamento com o propósito de encontrar algum significado para a vida, por isso, infere-se que, transfigurar-se em um animal pode representar a negação da própria identidade. Ao assimilar o discurso da vizinhança, Zé, progressivamente, vai assumindo uma nova identidade, no caso, a cada dia, a natureza do animal se sobrepõe à de indivíduo. Como parte de seu assentimento no que tange à opinião dos outros, tem-se o início um processo de zoomorfização, em que Zé busca, na abertura de uma nova passagem —o buraco—, o caminho do isolamento irreversível. O narrador-protagonista, devido à supervalorização do buraco, chega, gradativamente, a metamorfosear sua própria imagem.

O ato de cavar se torna cada vez mais frequente. Os pedidos da mãe e da namorada —únicas pessoas que ele ainda tinha vontade de ver— de nada adiantavam e ele passou a sentir-se mal estando fora dele. Com essa atitude, começam a ocorrer as primeiras mudanças em seu corpo, em virtude do esforço de cavar, o que causava nos vizinhos uma mescla de espanto e riso:

[...] eu não podia mais ficar fora do buraco; sentia-me desambientado, doente, tudo me feria, me incomodava, a luz do sol queimava meus olhos como se fosse foto, os sons abalavam os meus ouvidos. Além disso, quando eu saía à rua, havia risinhos por todos os lados: “O tatu... o tatu...”, eles cochichavam —mas eu escutava como se estivessem gritando em meus ouvidos. Eles riam sobretudo por causa de minha corcunda, que me viera à força de cavar todo dia, e de meu rosto que fora se escurecendo e se afinando... Elas já quase não lembravam mãos humanas: eram negras, grossas, compridinhas e com unhas fortes e pontudas —eram mãos de tatu (Vilela, 2003:25).

Os sinais de transformação ou de adequação ao aspecto de tatu foram ficando mais evidentes com o tempo, fazendo Zé, em determinados momentos, não mais se dar conta de estar andando de quatro. A mãe, ao constatar essa mudança, além da perplexidade, demonstra sofrimento pelas transformações do filho. Sair daquela posição —de quatro— e ficar de pé era, para Zé, um grande esforço, além de buscar explicações que pudessem conter as lágrimas e o desespero da mãe. Justifica Zé:

Como explicar para ela que nem eu, nem ela, nem ninguém tinha culpa daquilo, que aquilo acontecera porque havia começado um dia, e havia começado por um simples acaso? E que tudo era assim porque havia começado assim, e que se tivesse começado de outro jeito, teria sido de outro jeito, mas que ninguém podia saber por que uma coisa começava desse ou daquele jeito, e que, mesmo que soubesse, isso não adiantaria nada porque a coisa já havia começado? (Vilela, 2003: 25).

Não há acaso para os existencialistas sartrianos, mas circunstância, como já observado. Por isso, a transfiguração de Zé em tatu é uma decorrência das transformações as quais já vinham ocorrendo em sua própria mente, haja vista que ela é quem comanda o corpo. A zoomorfização de Zé, portanto, corresponde à necessidade de encarceramento que o acompanhava desde a infância. Foi necessário chegar ao fundo do buraco, para Zé poder ressurgir, ou seja, ele se fecha para, em seguida, alcançar o estado de consciência que, mesmo sendo momentâneo, produz os efeitos de uma iluminação. Da alienação na infância, Zé, de dentro do buraco, mergulha em ruminações acerca de sua existência, até atingir níveis de consciência



que, em muitas ocasiões, se assemelham a *flashes*, iluminando seu caminho de buscas e trazendo-lhe certo apaziguamento para as angústias.

Quando Zé torna-se impossibilitado de exercer a liberdade de escolhas ele interrompe a comunicação com o mundo exterior, levando à interdição de uma passagem que significa o impedimento de revelações sobre as experiências interiores. O narrador-protagonista decide interromper todos os contatos possíveis com outros sujeitos. Essa decisão contribui para a depreciação de sua imagem humana agora transformada, definitivamente, em tatu.

A consciência de animal torna-se imprescindível para as futuras atitudes de Zé que, por não mais encontrar sentido no convívio interpessoal, busca refugiar-se no buraco. Não apenas ele sabia de tal fato, mas sua mãe, após vê-lo andar de quatro e abraçá-lo, tinha consciência de que aquele seria o último abraço dado em seu filho.

Naquela noite ela faz o bolo que Zé mais gostava, mas ele não sentia mais o paladar, além da garganta estreita, que agora o impedia de comer como antes, os sabores e os cheiros, também adquiriram outros valores na vida de Zé. O pior para ele foi na hora de dormir, quando a mãe gostaria de dar a última bênção e ele, não querendo mostrar suas mãos modificadas pelo ato de cavar, contém-se, apesar de sentir vontade de fazer-lhe um último carinho. Durante a noite, ele salta da cama e se refugia de vez no buraco. Inúmeras foram as tentativas, tanto da mãe quanto da namorada, para ele abandonar essa ideia, mas nenhuma surtiu efeito. A mãe passa a aceitar o fato e Zé não se sente mais parte do mundo dos seres humanos, vendo como única ligação entre ele e a mãe apenas as lembranças que possuía dela.

Após permanecer por um bom tempo no buraco, abstendo-se de qualquer contato humano, Zé começa a sentir falta da voz humana, não para falar, mas para ouvir. Até nesta atitude ele demonstra passividade, pois a comunicação deveria vir do outro, considerando que ele não gostaria de desencadear o diálogo, até mesmo porque sua voz, também, não mais existia. Logo, todas as possibilidades de comunicação verbal haviam sido eliminadas.

Zé, alimentado por esse desejo, durante as noites em que percebia visitas em casa, passou a se esconder embaixo da janela da

sala para escutar a voz humana, sentia saudade do mundo ao qual um dia pertencera. Os mais simples assuntos lhe davam prazer; imaginava o gosto do café, pensava acerca dos mais variados temas, inclusive daqueles antes considerados banais, como, por exemplo, o clima, a noite, dentre outros e, por isso, ficava ali até a última palavra ser dita. Depois retornava ao buraco.

Essa postura do narrador-protagonista leva-o a cogitar sobre a possibilidade de abandonar a condição de tatu e retornar ao convívio humano. Mas, imediatamente, ele se depara com a impossibilidade de isso vir a acontecer. Segundo Zé, o desejo de retorno só existia, porque ele não pertencia mais àquele mundo, mas, se pudesse retornar, ele sentiria saudade do tempo em que era tatu:

Tive então uma insuportável saudade daquele mundo. Mas depois refleti que eu só senti isso porque não pertencia mais a ele, e que se eu pudesse de novo pertencer, se eu pudesse virar gente outra vez e estar ali, entre aquelas pessoas, desgosto e cansaço é o que eu sentiria —e talvez também saudades do tempo em que eu era tatu (Vilela, 2003: 28).

Verifica-se a presentificação do lado humano de Zé, quando ele sente saudade de escutar a voz do outro. A hesitação, em seu comportamento, decorre de um conflito já instaurado e demonstra que, à exceção dos santos, dos yogues, ou seja, dos iluminados, toda tomada de consciência ocorre em estágios. No nível humano, a dúvida sempre existirá, pois, mesmo o sujeito ciente das ações que pratica, vacila diante das escolhas, pois a consciência humana ainda não se encontra desperta o suficiente; ela não é totalmente límpida para dar ao indivíduo a clareza dos objetivos pretendidos. E sendo assim, a lucidez é o limiar do seu contrário, a alucinação.

A necessidade de Zé se reconhecer é tão premente, que torna o buraco símbolo ou marca objetiva do inevitável. Nesse sentido, conclui-se que a modernidade do conto pode ser realçada pela não resolução dos conflitos do narrador-protagonista, pois todos os sentidos possíveis a serem extraídos de sua leitura apenas sugerem ou induzem o leitor a reflexões acerca das questões suscitadas ao longo da narrativa.



Ao modo de (in)conclusão

Luiz Vilela é reconhecido como um dos maiores contistas da História da Literatura Brasileira, apresentando um estilo único e inegavelmente marcado pelo sentimento de humanidade e de pesar que permeia as mazelas mais íntimas do homem contemporâneo. Sua obra revela as inquietações do sujeito que sofre a angústia de se ver, constantemente, obrigado a tomar decisões e a fazer escolhas em um mundo de impermanências, marcado por relações precárias e sem sustentabilidade no mundo do ser que anseia completude.

Sendo assim, o objetivo deste artigo foi buscar, em uma análise possível a partir da influência do existencialismo sartreano, os pontos suscetíveis de articulação entre os indivíduos, tendo como referência os personagens do conto “O buraco”, da coletânea *Tremor de terra*. Nas análises, observou-se a construção de personagens explicitamente densas, apresentando uma maior complexidade desde sua composição; personagens que almejam alcançar um estado de consciência que lhes permita uma compreensão de si e do mundo. Os questionamentos decorrentes destas reflexões conduziram ao entendimento dos elementos tangíveis ao campo da liberdade e da escolha que, segundo Sartre, atua como responsável pela tomada de consciência do ser.

Em “O buraco”, de modo muito especial, desde o início, o personagem se apresenta de forma complexa, tentando compreender sua própria condição humana. Transfigurado em tatu, ele é uma representação de estados interiores superpostos, indicadores de conflitos vivenciados ao longo da narrativa que refletem entraves estabelecidos pelo personagem com o mundo social, familiar e individual. Portanto, tal fato gera enorme confusão interior, pois o personagem não consegue conviver com outras pessoas, tentando o isolamento definitivo de qualquer contato humano.

Referências bibliográficas

Camus, A. (2010). *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: BestBolso.

Chevalier, J. e Gheerbrant, A. (1990). *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Colaboração de André Barbault et al. coordenação de Carlos Sussekind, tradução de Vera da Costa e Silva et al. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

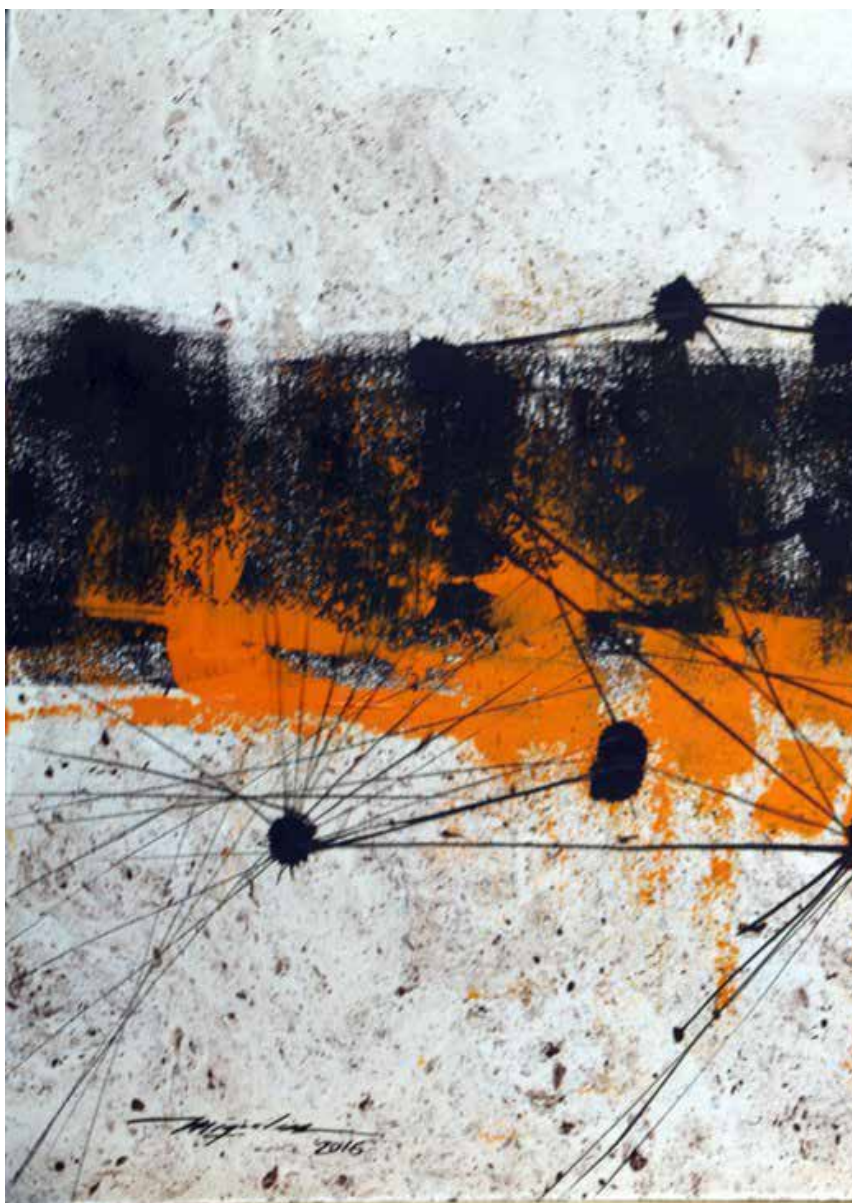
Ruminações e existência: Uma leitura do conto... Yvonélio Nery Ferreira

- Deleuze, G. (1998). *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Perdigão, P. (1995). *Existência e liberdade: Uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM.
- Ricoeur, P. (1991). *O si mesmo como um outro*. Campinas: Papirus.
- Sartre, J.P. (1977). *Entre quatro paredes*. São Paulo: Abril.
- Sartre, J.P. (2003). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. 12. ed. São Paulo: Vozes.
- Vilela, L. (2003). *Tremor de terra*. São Paulo: Publifolha.

Recepción: Marzo 30 de 2020**Aceptación:** Julio 31 de 2020**Yvonélio Nery Ferreira**

Correo electrónico: yvoneryferreira@gmail.com

Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Centro de Educação e Letras, do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, Universidade Federal do Acre, Brasil. Línea de investigación: Estudios comparativos y temáticos en literatura y Derechos Humanos. Título de última publicación: Ferreira, Yvonélio Nery and Daiana Nascimento dos Santos. "Literatura e Direitos Humanos: representações da violência de um Estado ditatorial." *Confluencia: Revista Hispánica de Cultura y Literatura*, vol. 35 no. 2, 2020, p. 18-28. Project MUSE, doi:10.1353/cnf.2020.0002.



Serie: "El paisaje como generador de ideas"
Título: *ha3* (fragmento)
Artista: Héctor Miguel Guerrero Aburto